Raimundo Valença Braga de Deus e Mello, Fernanda Maria, Quispe yujra, Veronica, Marco, Akermano (2024). A vulnerabilidade dos invisíveis: contexto habitacional dos estudantes internacionais durante a pandemia da COVID-19. *PERIPLOS. Revista de Investigação sobre Migrações*, 8(2), 113-136.

A vulnerabilidade dos invisíveis: contexto habitacional dos estudantes internacionais durante a pandemia da COVID-19¹

La vulnerabilidad de los invisibles: contexto habitacional de los estudiantes internacionales durante la pandemia de COVID-19

The vulnerability of the invisible: the housing context of international students during the COVID-19 pandemic

Fernanda Maria Raimundo Valença Braga de Deus e Mello²
Veronica Quispe Yujra³
Marco Akermano⁴

RESUMO

A pandemia da COVID-19 impôs ao mundo e a estudantes internacionais restrições que resultaram em imobilidade territorial, expondo-os a incertezas econômicas, legais e pessoais, refletindo impacto desigual influenciado por fatores socioeconômicos e políticos. Este estudo analisou os desafios enfrentados por estudantes imigrantes no contexto habitacional no Brasil durante a pandemia. Utilizando 19 entrevistas com acadêmicos da Universidade Federal do Ceará entre 2020 e 2022, buscou-se compreender suas dificuldades quando longe de seus países e sob uma pandemia. Os resultados destacam o impacto substancial e diversificado da pandemia na vida desses estudantes, revelando que, além dos desafios típicos de estudar e interagir em outro país, houve dificuldades adicionais, especialmente as relacionadas à moradia e ao estresse emocional. Esses obstáculos

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

2 Doutora em Saúde Pública - FSP – USP. fernandambraga@gmail.com

3 Doutora em Patologia pela UNIFESP

4 PhD em Epidemiologia e Saúde Pública Universidade de Londres. Professor de la Universidade de São Paulo

afetaram a qualidade de vida, e tiveram um impacto na carga emocional, gerando sentimentos de solidão, isolamento e preocupação com familiares distantes, além de dificuldades na adaptação e convívio com outros estudantes.

Palavras-chave: Mobilidade estudantil. migração. moradia. COVID-19

RESUMEN

La pandemia del COVID-19 impuso al mundo y a estudiantes internacionales restricciones que resultaron en inmovilidad territorial, exponiéndose a incertidumbres económicas, legales y personales, reflejando impacto desigual influido por factores socio-económicos y políticos. La investigación analizó los desafíos enfrentados por estudiantes inmigrantes en su contexto de habitación en Brasil, durante la pandemia. Utilizando 19 entrevistas con académicos de la Universidad Federal de Ceará entre 2020 y 2022 se buscó comprender las dificultades lejos de sus países de origen y bajo una situación pandémica. Los resultados destacan impactos sustanciales y diversificados en sus vidas, revelando aparte de desafíos típicos de estudiar e interactuar en nuevo país, dificultades adicionales especialmente las relacionadas con vivienda y al estrés emocional. Estos obstáculos afectan su calidad de vida, con impacto en la carga emocional, generando sentimientos de soledad, aislamiento y preocupación con familiares distantes, además de las dificultades de adaptación y convivencia con otros estudiantes.

Palabras clave: Movilidad estudiantil. migración. vivienda. COVID-19

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has imposed restrictions on the world and international students that have resulted in territorial immobility, exposing them to economic, legal and personal uncertainties, reflecting an uneven impact influenced by socioeconomic and political factors. This study analyzed the challenges faced by immigrant students in the housing context in Brazil during the pandemic. Using 19 interviews with academics from the Federal University of Ceará between 2020 and 2022, it sought to understand their difficulties when away from their countries and under a pandemic. The results highlight the substantial and diverse impact of the pandemic on the lives of these students, revealing that, in addition to the typical challenges of studying and interacting in another country, there were additional difficulties, especially those related to housing and emotional stress. These obstacles affected the quality of life and had an impact on the emotional burden, generating feelings of loneliness, isolation and concern for distant family members, as well as difficulties in adapting and socializing with other students.

Keywords: Student mobility. migration. housing. COVID-19

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 impôs desafios substanciais aos estudantes internacionais na América Latina, particularmente na região sul do continente. Diversas pesquisas destacam que a crise sanitária resultou em uma série de obstáculos relacionados à adaptação e ao acesso a serviços educacionais, de saúde e apoio emocional, afetando profundamente a experiência de mobilidade desses estudantes. Entre os principais desafios enfrentados, destacam-se o isolamento social, a limitação de acesso a recursos acadêmicos devido ao fechamento de instituições de ensino e o agravamento de questões de saúde mental, como o aumento da ansiedade e da depressão (Ramírez Martinell & Ramírez Ramírez, 2021; Perez e Vommaro, 2023; Vargas, Shimizu, & Monteiro, 2023).

A mobilidade acadêmica representa uma escolha estratégica por parte dos estudantes, cujo propósito é ampliar seus horizontes por meio da aquisição de novos idiomas e culturas, além de ter acesso a novas possibilidades de conhecimento qualificado e inovação disponibilizado por diversas instituições de ensino. Essa decisão visa criar oportunidades mais vantajosas para o desenvolvimento profissional dos estudantes, destacando assim a mobilidade estudantil como uma das formas de migração mais significativas (Pons et al., 2007). Considerando o papel central do Brasil na América Latina, o processo de internacionalização tanto no envio como na recepção de acadêmicos do ensino superior teve avanços e tem sido prioridade nas agendas institucionais, como forma de possibilitar o avanço científico/tecnológico, desenvolvimento curricular e a cooperação internacional. Entretanto, ainda necessita de aprimoramento em especial nas políticas de assistência aos estudantes (Forim & Rigolim, 2022).

Nesse contexto, o desejo de adquirir conhecimento e vivenciar experiências em um contexto estrangeiro, inicialmente percebido como promissor e instigante, transformou-se em uma jornada imprevisível e repleta de obstáculos com a eclosão da pandemia no ano de 2020. A propagação do COVID-19 introduziu uma série de desafios inesperados e complexos em diversos setores da sociedade, e os estudantes internacionais não foram exceção a essa realidade. Neste contexto de busca pelo saber, tais estudantes viram seus planos afetados de maneira significativa.

A disseminação veloz do coronavírus (COVID-19) teve um profundo impacto nos deslocamentos entre distintos territórios. Como resultado direto da pandemia, muitos estudantes que já se encontravam fora de seus países de origem foram confrontados com uma repentina imobilidade territorial (Iorio e Silva, 2022). Este cenário impôs a necessidade de interrupção de suas trajetórias planejadas, forçando-os a permanecer em um local específico por um período indefinido. Tal situação não apenas redefiniu as perspectivas de mobilidade dos estudantes, mas também gerou desafios adicionais, incluindo adaptação a um novo e desconhecido ambiente de isolamento, gerenciamento de questões logísticas e territoriais, bem como a gama de questões emocionais, tudo isso em meio a um contexto global de incerteza e restrições.

Os transmigrantes são indivíduos que, ao migrarem, mantêm múltiplas conexões familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que atravessam fronteiras nacionais, criando campos sociais transnacionais entre seus países de origem e de destino. Vivendo em "campos sociais entrelaçados", esses indivíduos não rompem completamente com suas localidades de origem, mas navegam simultaneamente por diferentes contextos geográficos, culturais e políticos, tomando decisões, agindo e construindo identidades em espaços múltiplos (Glick Schiller, Basch, & Blanc-Szanton, 1992).

Os estudantes internacionais, ao se posicionarem como "transmigrantes" (Hari et al., 2023) devido à transitória natureza de sua migração, enfrentam uma realidade singular. Suas vidas e oportunidades, tanto pessoais quanto profissionais, são consideravelmente moldadas pelas condições sociais, culturais, políticas e familiares em seus países de origem e nos países para onde se deslocam. Essa fase crítica de sua jornada migratória, caracterizada pela "precariedade emergente" (Hari et al., 2023) associada ao status estudantil e às evoluções políticas, revela uma incerteza que permeia aspectos econômicos, legais e pessoais, estando intimamente ligada a debates sobre imigração e cidadania. Em razão das limitadas opções disponíveis, os estudantes enfrentam um processo de mobilidade internacional desigual e dinâmico, fortemente impactado pelas variações das condições socioeconômicas, culturais e políticas nos países de origem e de destino, além das relações transnacionais que estabelecem.

Estudantes internacionais frequentemente experimentam a condição de "liminaridade", vivendo entre culturas e identidades, o que pode resultar em desafios como dificuldades de comunicação, adaptação cultural e exclusão social. Essa posição é muitas vezes marcada por um senso de comunidade com outros estudantes na mesma condição, criando espaços de solidariedade e redes transnacionais. Além disso, essas trajetórias podem incluir a resignificação de expectativas em relação às novas sociedades que os acolhem, o que é característico da experiência transmigrante (Schiller, Basch, & Blanc, 2019; Dutra, Azevedo, & Laier, 2019).

O artigo aqui apresentado sustenta que, devido à qualidade de seu status migratório, os estudantes internacionais enfrentaram uma condição de maior vulnerabilidade durante o período de pandemia. No entanto, grande parte das pesquisas sobre os impactos da COVID-19 em indivíduos, famílias e comunidades tende a não incluir esses estudantes.

Nesse cenário, este estudo tem por objetivo pesquisar através do contexto desta imobilidade dentro da mobilidade acadêmica os desafios enfrentados por estudantes internacionais relacionados a seu ambiente e condicionantes de residência no Brasil durante o momento pandêmico. Para tal, realizou-se entrevistas, de forma presencial ou virtual, com diferentes estudantes internacionais matriculados na Universidade Federal do Ceará entre 2020 e 2022, com objetivo de conhecer e compreender quais foram as principais dificuldades na experiência de passar por uma pandemia estando longe do seu país de origem. A análise do conteúdo das entrevistas foi conduzida utilizando uma metodologia sistemática e estruturada, fundamentada na abordagem desenvolvida por Laurence Bardin (1977) para analisar e interpretar dados qualitativos.

Essa análise realizada na profundidade dos discursos dos participantes, evidenciou um impacto diversificado da pandemia na vida dos acadêmicos, com destaque aos desafios nas questões de moradia e rede de apoio local, que serão explorados neste artigo.

Desafios e Impactos da Pandemia na Mobilidade e Habitação de Estudantes Internacionais

Em um contexto de pandemia, é crucial reconhecer os amplos impactos na mobilidade humana, que se manifestam de várias formas: desde os desafios enfrentados pelo fechamento das fronteiras até as implicações significativas nos sistemas de saúde e educação, a interrupção das atividades devido às restrições de mobilidade, a implementação de medidas de distanciamento social, como períodos de isolamento total, e os desafios financeiros enfrentados. Dentro desse cenário, os imigrantes emergem como um grupo particularmente vulnerável, frequentemente sendo os primeiros a sentir e lidar com as consequências mais intensas dessas mudanças (Brigido e Uebel 2020). Nesse sentido, tem havido um interesse crescente em investigar a chegada e a permanência de estudantes estrangeiros no Brasil, especialmente no contexto do ensino superior. Com foco nas áreas das Ciências Sociais e da Saúde Pública, estudos como os de Gusmão (2011), Tcham (2012), Nhaga (2013), e Müller e Silva (2016) dedicam-se a compreender a presença de estudantes internacionais, dentro do território brasileiro.

A pandemia introduziu desafios adicionais para os migrantes internacionais, conforme documentado por Sperandio et al. (2020). Com o fechamento de fronteiras e a imposição de restrições de movimentação, o governo brasileiro emitiu portarias em março de 2020 para regular a entrada de não nacionais, seguindo orientações da ANVISA devido ao impacto epidemiológico do coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19). Essas medidas, embora revogadas e atualizadas posteriormente, geraram apreensão entre os imigrantes, especialmente aqueles tentando trazer familiares para o Brasil, pois mesmo com visto válido, temiam não poder entrar no país. Martuscelli (2020) destacou essa preocupação, evidenciando como o fechamento das fronteiras impactou as tentativas de reunificação familiar por parte dos imigrantes.

Durante o período de fechamento institucional imposto pela pandemia de COVID-19, os Restaurantes Universitários (RUs) foram temporariamente fechados, o que dificultou significativamente o acesso dos estudantes a refeições de baixo custo, uma importante fonte de suporte alimentar para muitos. Além disso, muitos estudantes não receberam o auxílio emergencial, seja por falta de informação sobre a elegibilidade ou por dificuldades no processo de solicitação, o que agravou ainda mais sua situação de vulnerabilidade socioeconômica (Maurício et. al., 2020, Martins et al. 2023). A falta de um apoio institucional estruturado nesse momento crítico também foi amplamente percebida, com comunicações limitadas e ações insuficientes para apoiar a permanência dos alunos. Assim, Muitos estudantes ficaram "desamparados" em suas universidades de destino, enfrentando dificuldades logísticas e emocionais, como o isolamento e a incerteza quanto ao futuro (Ramírez Martinell & Ramírez Ramírez, 2021; Mello, 2024).

Mesmo antes da pandemia, a moradia sempre foi um desafio destacado pelos estudantes internacionais (Andrade e Teixeira, 2009). Este fato geralmente é atribuído à falta de opções de moradia estudantil dentro da própria universidade, à carência de uma rede social pré-existente para facilitar o compartilhamento de residência, à procura por locais acessíveis e adequados, bem como aos requisitos existentes nesse processo, como fiador, comprovação de renda e documentação exigidos pelas imobiliárias. Já no contexto pandêmico, a pesquisa de Iorio et al. (2020) com estudantes internacionais em Portugal, destaca a importância da moradia como uma preocupação significativa para esse grupo, no qual a importância de habitar assume uma nova dimensão em um contexto pandêmico, em que o espaço residencial se torna praticamente seu universo existencial, especialmente durante os períodos de *lockdown*. Nesse novo cenário, a qualidade da moradia passa a ser crítica, afetando não apenas a qualidade de vida e a saúde mental em si, mas também as medidas (im)possíveis de prevenção de contágio durante a pandemia.

Assim, a problemática da habitação se torna um elemento a mais de destaque entre os estudantes internacionais em meio a um contexto de incertezas, impactando de forma direta ou indireta suas vivências no exterior. A frequente prática de compartilhamento de apartamentos alugados entre pares, juntamente com a redução dos rendimentos (visto que comumente os estudantes não vivem exclusivamente de sua bolsa), exerce influência direta nas condições habitacionais desses estudantes. Nesse ambiente de imprevisibilidade, surge a dificuldade em projetar a sustentabilidade financeira da moradia atual ou em formular planos alternativos caso a situação se torne inviável. Tal cenário instaura um nível significativo de estresse, especialmente diante do contexto pandêmico, no qual tanto as condições de vida como os projetos futuros se veem comprometidos pelas instabilidades econômicas e sociais.

O fechamento abrupto das instituições de ensino, as medidas de isolamento rigorosas e a adoção do distanciamento social têm sido apontados como fatores determinantes no aumento dos transtornos psicológicos entre estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. Estudos recentes conduzidos por diferentes pesquisadores, como Brooks et al. (2020) e Mota et al. (2021), têm documentado a conexão direta entre as restrições impostas e o agravamento de condições como ansiedade e depressão.

Além disso, essa conjuntura representa fonte considerável de estresse psicológico, devido às implicações individuais e sociais dessas medidas, e também pela crescente ansiedade associada ao risco de contágio e à incerteza em relação ao futuro. Esses elementos têm desencadeado uma verdadeira crise de saúde mental, como destacado por Troyer et al. (2020) e outros especialistas no campo da psicologia e da saúde pública.

A angústia relacionada à saúde dos familiares e a distância geográfica ampliaram o sofrimento dos imigrantes diante dos riscos potenciais da infecção, o que justifica o anseio pela reunificação familiar e o retorno à terra natal. Entretanto, é essencial ressaltar que esses imigrantes enfrentaram um dilema complexo: no Brasil, foram frequentemente alvos de discriminação, enquanto ao regressarem ao país de origem, seriam estigmatizados como possíveis portadores da doença.

Pachi (2021) aborda essas questões, destacando as adversidades enfrentadas por imigrantes e refugiados nas grandes cidades brasileiras durante a pandemia de COVID-19, e argumenta que a crise pandêmica intensificou o desejo de voltar ao país de origem, impulsionado por dificuldades financeiras e desafios sanitários.

Durante a Pandemia de COVID-19, Calvo et al. (2022) analisaram a situação dos estudantes internacionais do Sul Global em Portugal, confrontando-se com uma crise sanitária global imprevista. Os autores enfatizaram a inviabilidade de um retorno temporário aos países de origem desses estudantes, devido a diversos desafios como dificuldades financeiras, preocupações com a saúde e o receio de perderem suas bolsas de estudo ao sair do país. Além disso, enfrentaram obstáculos para participar de atividades de ensino remoto, caso optassem pelo retorno às suas terras natais. Essas considerações acumuladas geraram um significativo aumento da carga emocional e da incerteza entre os estudantes, ampliando uma já existente sensação de ansiedade.

Assim, a compreensão aprofundada das condições de moradia durante a pandemia é crucial, pois esses aspectos não apenas afetam diretamente o bem-estar dos estudantes internacionais, mas também têm implicações significativas na sua capacidade de se adaptarem ao ambiente acadêmico e de lidarem com os desafios adicionais trazidos pela crise sanitária global, como a necessidade de distanciamento social e a pressão financeira. Reconhecer e abordar essas questões e particularidades de forma eficaz é fundamental para garantir um ambiente seguro e favorável ao desenvolvimento pessoal e acadêmico desses estudantes.

A Universidade Federal do Ceará como Lócus da pesquisa

No âmbito específico da Universidade Federal do Ceará (UFC), localizada na região nordeste do país e que é o lócus desta pesquisa, investigadores como Langa (2016) e Mourão e Abrantes (2020) não só exploram os desafios de adaptação dos imigrantes ao contexto brasileiro, mas também destacam uma estrutura organizada para promover a internacionalização da instituição.

A UFC oferece atualmente cinco métodos de admissão para estudantes internacionais, incluindo intercâmbios acadêmicos individuais, a participação no Exame Nacional do Ensino Médio, a adesão ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e ao Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), bem como a oportunidade de ingressar por meio do Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC-OEA). Além dessas opções, os estudantes também podem buscar formas de transferência ou matrícula que não envolvam processos seletivos oficiais.

Os dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SRNM) apresentam-se

como um registro administrativo da Polícia Federal e, é nessa base (BRASIL, 2023) entre os anos de 2019 e 2023, é possível a construção de um perfil aproximado do imigrante residindo regularmente no Ceará⁴. Os dados estão disponibilizados entre o ano de 2000 e o mês de junho de 2023, e computam informações sobre os imigrantes que entraram com pedido de cadastro para a emissão da RNM (Registro de Nacional Migratório) junto à Polícia Federal.

Baseado nestes dados, o perfil do estudante internacional no Ceará revela uma predominância de imigrantes oriundos de países africanos, sobretudo de língua portuguesa, representando a maioria dos pedidos de residência legal com base em amparo legal para estudos. Esse grupo é majoritariamente masculino, jovem e solteiro, com a profissão declarada sendo principalmente estudante. O declínio nos pedidos durante a pandemia foi evidente, refletindo as restrições de viagem e as incertezas globais (BRASIL, 2023).

Percurso Metodológico: Vozes de Estudantes Internacionais na Pandemia

Este artigo é um recorte adaptado de um estudo maior com o objetivo de compreender os desafios enfrentados por estudantes internacionais relacionados a seu ambiente (e condicionantes) de residência no Brasil durante o momento pandêmico.

Para tanto, elegemos uma abordagem qualitativa e a realização de entrevistas com estudantes internacionais da Universidade Federal do Ceará (UFC) que estiveram no Brasil durante os dois primeiros anos da pandemia. A amostra abrange estudantes de mobilidade internacional com ampla diversidade de nacionalidades, gênero e idades, desde que matriculados na UFC no período pandêmico (aqui compreendido entre 2020 e 2022). Essa abordagem permitiu a caracterização desses indivíduos, considerando as circunstâncias específicas da sua condição como estudantes transnacionais na UFC durante esse desafiador contexto. Os nomes dos entrevistados não serão apresentados no presente artigo, apenas o número correspondente e suas nacionalidades.

O processo de seleção dos entrevistados foi otimizado com o respaldo da Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio da Pró-reitora de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional (Prointer). A profissional responsável pela Mobilidade Acadêmica enviou um e-mail aos estudantes que estavam matriculados entre 2020 e 2021.², com uma breve descrição do estudo e um link para um questionário simples.

Trinta e três estudantes responderam ao primeiro contato e, com base nas informações fornecidas por eles, foi feito um novo contato - por e-mail ou telefone - para convidá-los a participar das entrevistas. Quando a resposta foi positiva, as entrevistas foram agendadas e gravadas, com os estudantes tendo a liberdade de escolher entre formato presencial ou online, além de determinar o local mais conveniente para a realização. Vale destacar que, após o contato inicial, muitos estudantes mostraram hesitação em participar das entrevistas. Alguns

⁴ Artigo no 14, inciso I, letra d, da Lei no 13.445 de 24 de maio de 2017; e 2) Artigo no 30, inciso J, letra d, da Lei no 13.445 de 24 de maio de 2017. A definição do recorte específico da letra d deve-se à ciência que os artigos no 14 e no 30 da Lei no 13.445 autorizam residência e visto temporário para outras categorias de imigrantes, por isso foram observados apenas aqueles enquadrados na letra d (estudo) nos dois casos.

marcaram datas e horários, mas não compareceram, enquanto outros optaram por não participar. Também é importante mencionar que, durante esse período, o Ceará enfrentava uma nova onda de contágio de COVID-19, e alguns estudantes relataram estar doentes, o que impediu o encontro presencial com a pesquisadora, que também testou positivo para o vírus. Ao final dessa fase, foram realizadas 14 entrevistas. Posteriormente, por sugestão dos próprios participantes, mais 5 estudantes aceitaram participar de forma voluntária, totalizando 19 entrevistados.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 19 estudantes, entre os meses de novembro de 2022 a janeiro de 2023. Sendo, 9 mulheres e 10 homens - de diversas nacionalidades (Irã, Guiné Bissau, México, Equador, Venezuela, Paquistão, Argentina, Haiti, Moçambique), áreas de conhecimento e cursos da Universidade Federal do Ceará, sendo apenas dois estudantes de graduação e os demais de pós-graduação.

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com base em um conjunto de eixos temáticos previamente definidos, no qual o ponto de “Ambiente de Residência no Brasil e Pandemia” será aprofundado no presente artigo. Para a realização das entrevistas utilizamos o método de análise de conteúdo de Bardin (1977), que nos permite a análise qualitativa em pesquisas. Em um primeiro momento, as transcrições foram lidas para captar as histórias de vida dos entrevistados. Depois, cada entrevista foi analisada, organizando as falas em categorias e subcategorias que foram identificadas, selecionando as partes mais relevantes em cada eixo, encontrando padrões e códigos similares. Na etapa final, analisamos como as categorias se relacionam entre si para fundamentar nossas conclusões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo das entrevistas, quando os participantes foram indagados acerca do contexto habitacional no Brasil e como a pandemia influenciou essa dimensão de suas experiências. A maioria dos entrevistados (N=10) relatou viver em residências coletivas com outros estudantes, predominantemente imigrantes, quase sempre da mesma nacionalidade ou que compartilhavam o mesmo idioma. Sete participantes informaram morar sozinhos, enquanto dois compartilhavam a moradia com seus cônjuges.

A dificuldade com moradia

As análises realizadas neste estudo enfocam as questões relativas à moradia enfrentadas pelos estudantes. É notável destacar que, mesmo antes da pandemia, era comum os estudantes migrantes criarem uma rede e contato prévio com outros colegas já estabelecidos no Brasil, buscando vagas em apartamentos que já estavam ocupados. Isso se deve às dificuldades encontradas para alugar uma nova residência e firmar novo contrato, o que representa grande obstáculo para os estudantes internacionais. Em muitos casos, esses novos estudantes ocupam lugares substituindo aqueles que retornaram aos seus países de origem.

Então, mas não foi, não é muito fácil encontrar um lugar para alugar como pessoa estrangeira e estudante. É muito difícil! Porque às vezes assim, todas essas condições que solicitam para alugar, são muitas questões, tipo: Ah, você deve ter uma pessoa, como é, como um fiador, mas o fiador deve ser como alguém da cidade e além disso eu devo ter uma propriedade na cidade. Nossa, eu não conhecia ninguém, então foi bem difícil. Entrevistado 3 – México (entrevista, 25 de novembro de 2022)

Aí como no Brasil tem esse negócio também que você tem que pagar, como se chama aqueles três aluguéis? [é como se fosse um chamar tipo um depósito, né?], três meses... caução. Aí a gente aí a gente teve um rapaz que a gente pediu, ele arranhou uma casa. Entrevistado 18 – Paquistão (entrevista, 26 janeiro de 2023)

É relevante destacar que, durante o período da pandemia, os estudantes internacionais participantes deste estudo residiam em sua maioria em casas compartilhadas por outros estudantes e, em quase todos os casos, estabeleceram seus contratos indiretamente. Essa situação gerou diversos desafios, como a flutuação dos preços dos aluguéis e a possibilidade de os proprietários encerrarem os contratos, o que impactou significativamente a rotina desses indivíduos, colocando-os em risco de terem que buscar outra moradia em um momento em que isso se tornaria extremamente difícil.

O casal de mexicanos que moravam conosco decidiu numa hora e falaram assim: a gente vai embora daqui um mês. E eles que levavam [o nome] na conta do aluguel no contrato, né? A gente juntava o dinheiro, mas eles levavam numa conta com a dona. Então, aí a gente pensou em se tomar conta do aluguel desse apartamento, ou procurar outras pessoas e a mesma coisa ou não mudar também, né?. Entrevistado 5 – Venezuela (entrevista, 26 de janeiro de 2023)

Essa narrativa se alinha com as descobertas de um estudo conduzido por Calvo et al. (2022) em Portugal durante a pandemia. Segundo os autores, as condições de moradia exerceram um impacto considerável na adaptação dos estudantes migrantes em Portugal durante o período de isolamento. Eles observaram, assim como neste estudo, que as preocupações sobre contratos de aluguel e os custos associados à habitação foram prevalentes, contribuindo para ansiedades e incertezas entre esses estudantes. A relevância da moradia e das interações sociais foi ressaltada na maneira como os estudantes internacionais enfrentam as transformações durante suas estadias no exterior, uma dinâmica também identificada em estudos anteriores, como os de Mitchell (2012) e Hendrickson et al. (2011), mencionados por Calvo et al. (2022).

A necessidade de mudança de residência durante a pandemia, especialmente durante o período de *lockdown*, se assemelha a uma jornada épica em busca de um local seguro para se proteger do vírus. Em um desses casos, essa mudança ocorreu devido à saída dos colegas de residência, que decidiram retornar aos seus países de origem. No outro caso, a estudante enfrentou dificuldades para pagar o aluguel sozinha. No terceiro caso, a mudança foi necessária devido a um contrato temporário que não previa a pandemia que estava por vir, como relatado a seguir:

Definitivamente, eu fiz esse contrato inicial de três meses, aí chegou a pandemia e assim ficou duas semanas depois de ter iniciado o *lockdown*, acho eu, que não aí eu consegui tive como me mudar, né? Porque eu já não podia ficar muito tempo lá porque a gente tinha combinado esse tempo. E ainda era um aluguel que era mais caro do que eu podia pagar. Então, consegui me mudar. Entrevistado 10 – Venezuela (entrevista, 18 de novembro de 2022)

Embora tenha ocorrido apenas com alguns participantes desta pesquisa, a necessidade de mudança de residência foi enfrentada por eles através da rede de contatos com outros estudantes residentes em Fortaleza, o que permitiu encontrar um novo local de moradia apesar das dificuldades.

Outro aspecto que assume uma nova dimensão devido à pandemia são as dinâmicas nas relações dentro do ambiente de moradia no novo cenário. Como mencionado, os estudantes estrangeiros geralmente dividem moradia com outros estudantes, também frequentemente estrangeiros. Durante o *lockdown*, essas pessoas, que costumavam passar a maior parte do tempo fora de casa, são agora obrigadas a compartilhar o mesmo espaço.

Então foi um momento também que o apartamento lotou, porque também chegou uma outra menina. O apartamento era grande e antigo, né? Só que realmente ficou lotado. E todo mundo no apartamento o dia todo foi algo que a gente não calculou, né? Normalmente, a gente saía, todo mundo estava na sua e apenas às vezes nos víamos em casa em tempos normais, né? Mas durante o *lockdown* foi assim complicado na hora de usar a cozinha, usar banheiro, fazer uso da sala. Uma sala tranquila não era mais, porque sempre tinha alguém. Esse tipo de problemas. Entrevistado 5 – Venezuela (entrevista, 26 de janeiro de 2023)

A gente teve que passar muito tempo no mesmo ambiente. Era um apartamento que era grande, né? A gente tinha espaço para que cada um tivesse seu espaço, mas de repente começamos a compartilhar muito tempo com pessoas com quem não tínhamos intimidade, né? Com quem não nos conhecíamos bem. Entrevistado 10 – Venezuela (entrevista, 18 de novembro de 2022)

Durante o período de *lockdown*, quando os estudantes passam a conviver de forma mais intensa uns com os outros, torna-se evidente a importância do cuidado mútuo e coletivo. Porém, esse contexto implica em maior interferência na vida de cada indivíduo, uma vez que as ações de um podem afetar diretamente o bem-estar e a saúde dos demais. Essa proximidade forçada, por vezes, pode gerar conflitos ou demandar uma maior atenção às necessidades e limitações de cada membro do grupo, reforçando a importância de uma convivência harmoniosa e solidária.

Todo mundo era estrangeiro, né ... então era assim tipo: Tá, a gente está aqui no Brasil, está todo mundo sozinho, a gente tem que se cuidar junto e vamos procurar não pegar a COVID para não contagiar ninguém porque todo mundo está só aqui no país, né? Eu gostava de sair a correr, trotar, fazer esporte físico e justamente no momento da pandemia eu estava conseguindo pegar o ritmo... aí meus amigos falaram: “Opa, você não pode ficar correndo que você vai contagiar a gente”, né. Entrevistado 15 – Venezuela (entrevista, 22 de novembro de 2022)

Dessa forma, durante o contexto pandêmico, os estudantes internacionais sentiram a necessidade de reforçar o senso coletivo. Para eles, as opções de afastamento para o isolamento ou de buscar ajuda externa estavam limitadas, uma vez que a convivência na residência se tornou mais intensa e crucial. No mundo real, e não apenas no ambiente virtual, essa dinâmica ganhou novas dimensões, destacando a importância de proteger-se coletivamente. Mesmo sem laços familiares ou uma intimidade prévia com os colegas de moradia, a noção de cuidado mútuo e proteção se tornou essencial e precisou ser reforçada diante das adversidades enfrentadas durante a pandemia.

Quadro 1: Síntese das Causas, consequências e estratégias na questão habitacional

Causas	Consequências	Estratégias Adotadas	Categoria
Falta de moradias estudantis na universidade	-Insegurança residencial	-Busca por moradias compartilhadas	Problema pré-existente agravado na pandemia
Dificuldade em alugar imóvel	- Ansiedade pela instabilidade no contrato de aluguel - Preocupação com aumento de custos e perda de moradia	- Uso de rede de contatos locais para buscar moradia - Negociação direta com locadores	
Exigências burocráticas (fiador, renda, etc.)	- Dificuldade em firmar contratos formais de aluguel - Necessidade de buscar soluções informais de moradia	- Apoio informal de colegas e associações estudantis - Compartilhamento de moradias	Problema pré-existente agravado na pandemia
Precariedade nas condições de contrato	- Mudança forçada de residência - Necessidade de adaptação a contratos temporários e flutuação de preços	- Busca por alternativas de moradia compartilhada - Apoio informal de colegas e associações estudantis	Problema pré-existente agravado na pandemia
Dependência de redes de contatos	- Isolamento social e solidão ao mudar de local ou perder a convivência com conhecidos	- Estabelecimento de solidariedade entre os estudantes - Suporte psicológico informal	Problema pré-existente agravado na pandemia
Mudança repentina de residência na pandemia	- Conflitos nas relações de convivência devido à proximidade forçada - Impactos psicológicos devido à instabilidade no alojamento	- Adaptação às novas dinâmicas de convivência - Reforço no cuidado coletivo	Problema diretamente relacionado à pandemia
Fechamento temporário dos RUs	- Redução da qualidade alimentar - Dependência de programas externos	- Dependência de doações ou auxílio emergencial	Problema diretamente relacionado à pandemia
Desinformação sobre políticas de auxílio emergencial	- Vulnerabilidade socioeconômica - Dificuldades psicológicas relacionadas à incerteza e ao isolamento social	- Rede de apoio virtual para troca de informações e suporte	Problema diretamente relacionado à pandemia

Fonte: Elaboração própria.

Lockdown e o distanciamento social

Ao analisar os estudantes neste estudo durante o *lockdown*, é útil dividir suas experiências em dois grupos distintos: aqueles que moravam sozinhos, e aqueles que compartilhavam a residência com outras pessoas. Para o grupo que vivia de forma solitária, a solidão emergiu como uma das principais dificuldades enfrentadas. Durante as entrevistas, vários participantes descreveram experiências semelhantes sobre o desafio de morar sozinho durante o *lockdown*. Eles mencionaram a intensa sensação de isolamento e o receio de sair em uma cidade praticamente deserta devido às restrições de circulação. A transição abrupta de um estilo de vida caracterizado por interações sociais constantes para o isolamento completo foi apontada como uma das mudanças mais difíceis de se adaptar. Muitos participantes ressaltaram o estresse de ficar em casa sem qualquer tipo de comunicação, longe de suas famílias, e expressaram o quão desafiador foi enfrentar essa nova realidade. Além disso, eles mencionaram a sensação de restrição de liberdade e a importância de seguir as medidas de saúde, mesmo que isso tenha sido inicialmente difícil de aceitar, reconhecendo posteriormente a relevância dessas medidas diante da pandemia.

É, eu lembro que era todo *lockdown*, foi muito, eu fiquei muito sozinho. Porque antes disso eu saía assim. Mas é uma coisa, eu lembro que uma noite, sete horas, eu ia para comprar comida e ficava como cidade de morta. Você sabe, cidade, foi muito, como dizer,

eu fiquei com muito medo de sair para as coisas. Entrevistado 1 – Irã (entrevista, 12 de novembro de 2022)

Ficou na minha memória, é um processo de pandemia que não é tão complicado assim. Mas o isolamento... Isolamento próprio é uma história, né? Porque é isso que eu estou dizendo, a cultura é totalmente diferente. Nós costumamos viver mais em comum, interagir com as pessoas, estar em família assim... muito família, com várias pessoas. E aí do nada a pessoa tem que ficar sozinho, em casa, sem comunicar com ninguém, ficar 24 horas sem falar com ninguém. E aí? É uma situação assim... acho que não só eu, acho que os meus contatos também, né? Porque a migração, assim, várias pessoas moram sozinhas, pandemia chegou eu tendo que ficar sozinho sem sair. [...] Sim, ponto mais difícil. Entrevistado 2 - Guiné-Bissau (entrevista, 30 de novembro de 2022)

As entrevistas evidenciam que viver sozinho durante o *lockdown* foi uma experiência permeada por sentimentos de solidão, medo e isolamento, especialmente considerando a mudança drástica na cultura de interação social devido à pandemia. No entanto, muitos dos entrevistados passaram a reconhecer a importância das medidas de saúde pública. Apesar de inicialmente considerarem essas medidas desafiadoras, ao final compreenderam sua relevância na prevenção da propagação do vírus.

E no começo era difícil, porque isso eu... Era como se eu estivesse privado da minha liberdade, não podia sair, tinha que seguir as normas de saúde, e normalmente você acha isso chato, mas no final você percebe que vale a pena, porque se não fosse por isso poderia ter sido pior. Entrevistado 12 – Haiti (entrevista, 8 de dezembro de 2022)

A solidão, uma experiência comum entre aqueles que se viram sozinhos durante o *lockdown*, assume uma complexidade especial quando considerada sob a perspectiva dos estudantes migrantes. Um dos entrevistados, ao listar suas principais dificuldades nesse período, mencionou "*questões culturais, linguísticas e o fato de estar sozinho em um país estrangeiro*" Entrevistado 17 – Equador (entrevista, 30 de novembro de 2022). Essa declaração resume a percepção desses estudantes que moravam sozinhos, revelando que a solidão não se restringia apenas ao isolamento físico. Eles enfrentavam não apenas o isolamento social, mas também se viam confinados em uma residência situada em um país onde as diferenças culturais e linguísticas os deixavam ainda mais distantes do mundo ao seu redor.

Em contraponto, para alguns estudantes, a solidão foi reportada como algo positivo, trazendo tranquilidade e oportunidades de autoconhecimento devido às circunstâncias pessoais: "*A solidão não foi um problema, foi até muito melhor. Eu gosto de ter meu espaço, de passar o dia todo só com meus pensamentos, minhas coisas, não tenho problema com isso*" Entrevistado 4 – Equador (entrevista, 16 de novembro de 2022). No entanto, para a maioria dos estudantes, estar em um país estrangeiro sem conexões familiares e sociais, combinado com o *lockdown*, gerou sentimentos de medo e sofrimento.

Para os estudantes que compartilhavam a residência com outras pessoas, o período de *lockdown* trouxe uma reconfiguração significativa nas dinâmicas de convivência. Enquanto antes da pandemia a experiência no exterior era vista como uma fase de transição para a vida adulta, repleta de autoconhecimento e crescimento pessoal (TSE e WATERS, 2013; FRÄNDBERG, 2015), durante o confinamento, manter relações sociais tornou-se um desafio devido às restrições impostas. As casas foram rigidamente controladas, com saídas permitidas apenas para atividades essenciais.

Com as medidas de restrição implementadas pelo plano de contenção à COVID-19, era imperativo, naquele momento, ficar em casa e este também foi um relato dos estudantes sobre o período de isolamento. *“a maior dificuldade era sair de casa, mudamos a estrutura de fazer compras pra uma vez no mês e tínhamos que lavar tudo. E que essa saída de compras era a única saída de casa no mês”*. Entrevistado 5 – Venezuela (entrevista, 26 de janeiro de 2023). Os relatos aqui apresentados aproximam-se do discutido por CALVO et al., (2022), para o qual o confinamento também afetou a interação dos estudantes internacionais com seus colegas locais, isso é, o isolamento e a falta de oportunidades para convívio em espaços compartilhados, como campi e locais de diversão noturna, prejudicaram as relações interculturais e a comunicação. Isolados e convivendo majoritariamente com um número restrito de estudantes internacionais, os entrevistados enfrentaram desafios significativos em relação à sua interação com colegas brasileiros e ao seu ambiente de convívio. O isolamento e o fechamento de espaços como bibliotecas e locais de lazer noturno afetaram profundamente sua experiência. Eles expressaram frustração por não poderem sair, estudar em bibliotecas e aproveitar espaços compartilhados, o que resultou em dificuldades emocionais e de adaptação.

Durante o período de isolamento, os estudantes se viram confrontados com as restrições impostas pelo combate à COVID-19, sendo crucial permanecer em casa, como ressaltado por um entrevistado venezuelano que mencionou: *“a maior dificuldade era sair de casa, mudamos a estrutura de fazer compras pra uma vez no mês e tínhamos que lavar tudo. Essa saída de compras era a única saída de casa no mês”* (Entrevistado 5 – Venezuela (entrevista, 26 de janeiro de 2023). Esses relatos refletem o que CALVO et al. (2022) discutiram sobre o impacto do confinamento na interação dos estudantes internacionais com os colegas locais. O isolamento e a escassez de oportunidades para socializar em ambientes compartilhados, como os campi universitários e espaços de entretenimento noturno, afetaram negativamente as relações interculturais e a comunicação. Além disso, ao se isolarem e conviverem majoritariamente com outros estudantes internacionais, os entrevistados enfrentaram desafios significativos para se integrarem aos colegas brasileiros e se adaptarem ao ambiente social. Com o *lockdown* e fechamento desses lugares, eles expressaram frustração por não poderem sair, frequentar bibliotecas e usufruir de espaços compartilhados, resultando em dificuldades emocionais e com impacto profundo em sua experiência, contribuindo para as dificuldades enfrentadas no aspecto emocional e de adaptação.

Foi difícil! Morávamos perto da praia da Iracema e podíamos ver um pouquinho do mar, mas não podíamos ir até lá. O apartamento era grande, mas não tinha áreas verdes, jardim ou áreas esportivas. Ficávamos apenas indo do quarto para a cozinha, para a sala, para a sacada. No começo, não saíamos muito, principalmente por medo da polícia nas ruas e nas praias, então sempre tínhamos receio. Não conhecíamos muito bem os procedimentos. Foi difícil porque passávamos muito tempo dentro de casa, no apartamento, e as interações eram limitadas, embora já estivéssemos morando juntos há muito tempo. Foi muito cansativo, às vezes parecia que o tempo estava parado, como se estivéssemos detidos. Entrevistado 3 – México (entrevista, 25 de novembro de 2022).

A falta de áreas verdes e a impossibilidade de realizar atividades esportivas devido ao confinamento nos apartamentos limitaram os estudantes a espaços como sala, quarto e cozinha, tornando o período tedioso e restritivo. Além disso, o temor em

relação às autoridades devido ao controle policial rigoroso, juntamente com a falta de documentação adequada para alguns estudantes estrangeiros, intensificou suas preocupações, tornando a experiência ainda mais estressante.

Agente nunca imaginou que seria tanto tempo, sabe... Aí, pelo menos no Ceará, era sempre mais duas semanas, mais duas semanas, mais duas semanas. E aí o tempo passava, as aulas não voltavam, a rotina ficou meio doida, a gente não sabia muito o que fazer, né. Era tudo bastante confuso... ir ao supermercado. A gente tinha muito medo também, pelo menos eu, de ... porque o controle era bem rígido no Ceará, foi bem sério. Dava a sensação de ver a polícia na rua controlando... tipo, eu não tinha recebido meu cartão de identidade, né... eu tinha só um papelzinho da polícia de imigração dizendo que eu estava legalmente no Brasil, mas era só um papelzinho. E também, todos os comprovantes de endereço eu não tinha nada no meu nome... aí eu até para ir no supermercado que era 2 min caminhando eu ficava com medo, tipo se a polícia parar, se me perguntar alguma coisa, se eles pedirem a minha identificação? O que eu vou dizer? Como que vou fazer? Como que vou explicar que estou aqui e que posso estar aqui, entendeu? Aí eu ficava morrendo de medo da polícia... foi bem tenso. Entrevistado 11 – Argentina (entrevista, 29 de novembro de 2022).

O distanciamento social também prejudicou as relações interculturais dos estudantes internacionais, já que eles não podiam receber amigos em casa nem explorar a cultura local devido às restrições e ao medo da polícia. O prolongamento inesperado do *lockdown* deixou muitos em um estado de incerteza e confusão, afetando sua rotina e bem-estar emocional. Em suma, o *lockdown* teve um impacto profundo nas interações sociais e no bem-estar emocional desses estudantes, apresentando desafios significativos em sua experiência no Brasil durante a pandemia.

Então, a gente era 5 pessoas como eu falei, né? A gente morava chegou do Paquistão junto para cá morando junto aqui também no mesmo apartamento eram 5 do mesmo curso [...] na minha casa, no meu caso, eu mal fiquei em casa porque naquela época o meu laboratório não tinha ninguém, a gente era três alunos do professor. E duas foram para o Rio de Janeiro, né? Naquela época, só eu e minha professora que estava aqui no departamento, né? Entrevistado 18 – Paquistão (entrevista, 26 de janeiro de 2023)

O primeiro mês que chegamos só em casa, porque como eu te falo não conhecemos ninguém eu muitas coisas estavam ainda fechadas ou tinha restrições então não dava para fazer muita coisa. E bom depois como que as coisas melhoraram um pouco também. A gente colocou depois da segunda vacina lá no Brasil. Então ia ficando melhor, mas a questão da socialização sempre foi um grande problema no momento da pandemia. Entrevistado 19 – Equador (entrevista, 28 de janeiro de 2023)

Na prática, durante o período de confinamento, a experiência de aprendizado internacional dos estudantes foi redirecionada para uma vivência mais local e nacional. Isso representou uma mudança significativa nas formas de socialização, já que os estudantes passaram mais tempo imersos na comunidade local em que estavam inseridos (CALVO et al., 2022) do que explorando e vivenciando a cultura do país anfitrião como seria esperado em condições normais.

A experiência de isolamento foi, portanto, multifacetada: para alguns, a solidão foi um período de introspecção e autoconhecimento, mas para a maioria, o impacto psicossocial foi mais negativo, refletindo em frustração, medo e sofrimento, especialmente pela falta de apoio social e pela mudança abrupta nas condições de vida. Esses resultados corroboram estudos anteriores sobre o impacto do distanciamento social e do confinamento sobre os estudantes internacionais, que

apontam tanto os efeitos adversos na saúde mental quanto às dificuldades de adaptação à nova realidade (Lorio & Silva, 2022; Lorio et al., 2024).

A possibilidade, ou não, de voltar

Muitos estudantes optaram por interromper seus estudos e voltar para seus países de origem. No entanto, essa escolha não foi viável para todos os estudantes internacionais devido a desafios como restrições de viagens, obstáculos burocráticos e limitações financeiras que dificultaram ou impossibilitaram o retorno. Este estudo, ao focar na experiência dos estudantes internacionais no Brasil durante a pandemia, concentra-se especialmente naqueles que não puderam ou optaram por não retornar ao país de origem nos primeiros dois anos da crise.

Os relatos analisados revelam uma grande preocupação com a possibilidade ou necessidade de retorno imediato ao país de origem.

Entendo que tenham muitas pessoas, brasileiras por exemplo, estudando em Fortaleza no Ceará que sejam de outros estados. Então essas pessoas simplesmente voltaram para casa de suas famílias e continuaram online né. Muitos, não vamos dizer tudo. Mas a maioria dos brasileiros que estavam aqui e não era daqui voltaram pra casa pra reduzir custos ou pra ficar junto com sua família e se apoiar melhor. E nós não tínhamos essa opção, pelo menos eu não tinha essa opção porque estava evitando ir pra minha casa por causa da doença. Evitei de propósito viajar para meu país. Entrevistado 5 - Venezuela (entrevista, 26 de janeiro de 2023).

Os relatos expressam o dilema angustiante que enfrentaram ao considerar retornar aos seus países de origem. Muitos destacaram que as restrições de voos e o fechamento de fronteiras tornaram essa opção praticamente inviável. Para alguns, voltar significava abrir mão dos estudos no Brasil, o que tornava a situação ainda mais difícil. O medo de deixar o país e não poder retornar era uma preocupação constante, especialmente devido às incertezas em torno da pandemia e das restrições de viagem, criando uma situação altamente complexa e emocionalmente desafiadora.

Aí você imagina, eu queria ter acesso a um computador, mas era *lockdown*, então todos os lugares estavam fechados. Eu queria voltar para o meu país, mas não podia. Lembro de um dia que liguei para minha mãe e comecei a chorar, dizendo: "Mãe, não consigo fazer pesquisa, não tenho computador, não tenho nada. Não tenho dinheiro e, mesmo que queira voltar, não posso fazer isso aqui". Entrevistado 1 – Irã (entrevista, 12 de novembro de 2022)

Meu primeiro pensamento foi: "Não, vou voltar para o meu país porque não sei até quando vai durar isso". [...] Será que, se eu esperar dois meses, eles vão pedir para voltarmos? Aí eu fiquei pensando, sabe? [...] Ainda havia restrições para viajar também, então tudo isso complicou a situação. Entrevistado 12 – Haiti (8 de dezembro de 2022)

A decisão de retornar para seus países de origem foi complexa devido às incertezas sobre a duração da pandemia e das restrições de viagem. Os estudantes se viram em um dilema entre a segurança familiar e a continuação de seus estudos, sem poder prever quando seria seguro retornar. A falta de acesso a recursos essenciais, como computadores e dinheiro, devido ao *lockdown*, também aumentou sua

sensação de impotência. O medo de não serem bem recebidos em seus países de origem também pesava na decisão de permanecer no Brasil, tornando essa escolha desafiadora e até mesmo arriscada, considerando inclusive o risco de morrer longe “de casa” e não conseguir sequer retornar ao seu país de origem.

Não tinha como eu voltar, né? Não era uma opção voltar. E tipo, os voos ficaram suspensos. A Venezuela fechou fronteiras, eu não tinha... Voltar era renunciar ao mestrado, né? E assim, eu já estava aqui. Entrevistado 10 – Venezuela (entrevista, 18 de novembro de 2022)

Eu lembro que era ali 4.000 pessoas morrendo por dia. Eu falei para o meu pai e ele disse: Se você quer morrer, morre com sua família, não morre lá sozinho. [...] Aqui no Brasil era muitas pessoas morrendo, e o Irã não aceita pessoas do Brasil, eu não poderia voltar. Entrevistado 1 – Irã (entrevista, 12 de novembro de 2022)

Nesse mesmo contexto, para alguns estudantes, a decisão de retornar ao país de origem foi tomada com base na viabilidade de concluir seus estudos no Brasil. Ou seja, alguns optaram por aguardar a conclusão do nível de formação em que estavam antes de retornar, mesmo sem um prazo determinado. A entrevistada 5, da Venezuela, mencionou que alguns colegas decidiram voltar para seus países, enquanto outros optaram por esperar até a conclusão e defesa de suas formações, mesmo que de forma online. Ela relata: *“Tenho uma companheira que tinha ido de férias para o Peru e não conseguiu voltar ... acabou defendendo online e ficou no Peru e não voltou mais”*. Para outros estudantes, especialmente aqueles cujo término do curso não estava claro - influenciados pelo receio de não conseguirem concluir - a decisão de retornar, ou não, levou em conta fatores como a situação financeira no Brasil e a evolução da pandemia em seus países de origem.

Estamos em uma Pandemia, e agora?

O relato dos estudantes internacionais diante da chegada da pandemia de COVID-19 revela uma diversidade de percepções e reações. Alguns demonstraram uma preparação realista para a crise iminente, enquanto outros inicialmente subestimaram sua gravidade. Por exemplo, o entrevistado 1 do Irã, compartilhou sua frustração com a aparente falta de compreensão entre seus colegas brasileiros, comparando a situação com seu país de origem. Alguns admitiram que, ao chegarem ao Brasil, não estavam plenamente conscientes da gravidade da situação, acreditando que o país poderia lidar com a pandemia de maneira semelhante a outras regiões que já haviam enfrentado a crise. No entanto, logo perceberam que a situação no Brasil era distinta do que imaginavam, e a falta inicial de compreensão foi agravada pela atitude de muitos brasileiros, que minimizavam a gravidade do vírus e faziam piadas sobre a pandemia.

Antes de a COVID começar aqui no Brasil, certo? [...] Eu lembro que eu estava lendo no meu país o que estava acontecendo e as pessoas estavam morrendo. [...] Porque lembro que era uma época em que 90 pessoas estavam morrendo por dia, ainda no começo, você sabe. Lembro que eu estava contando isso para o meu amigo e eu disse a ele: "Olha aqui, isso é sério!" Mas aqui no Brasil, eu achei que o povo brasileiro fosse muito estúpido. Eles não estão entendendo? O que estou tentando dizer é que lembro que ele contou a um amigo, que disse: "Não, eu não tenho medo da COVID, a COVID que tem medo de mim" – ele disse: "Ah, vamos fazer uma festa da COVID". [...] para eles, isso era uma brincadeira. Eles não estão entendendo que muitas pessoas estão morrendo.

Naquela época no Irã, não havia máscaras porque todo mundo comprou as máscaras. Minha mãe ligou para mim e disse: "... ir para o supermercado comprar isso, isso é coisa séria!" Eu fui ao supermercado comprar muitas máscaras, quando ele contou isso ao meu amigo, ele começou a rir. Entrevistado 1 – Irã (entrevista, 12 de novembro de 2022)

Certamente, isso revela a falta de conscientização e compreensão inadequada da gravidade da pandemia em certos segmentos da população brasileira, o que contribuiu para a disseminação do vírus e suas consequências. Em essência, esses relatos destacam o desafio enfrentado por muitos estudantes internacionais ao tentar compreender e lidar com a pandemia de COVID-19 no contexto brasileiro, onde a percepção inicial da situação frequentemente não correspondia à realidade. Além disso, fica evidente uma tendência, tanto entre estudantes locais quanto internacionais, de subestimar a pandemia e seus efeitos, incluindo sua duração e impacto.

Aí resolveram no *lockdown* e todos nós estavam assim: duas semanas tudo volta, duas semanas e a gente já fica liberada tranquila liberada pra voltar pra vida normal. Todo mundo ficou achando isso, porque a gente já passou meio que pandemia, não sei se tu lembra, é acho que foi gripe aviária nem lembro, mas foram assim duas semanas... todo mundo ficou tranquilo né duas semanas trancado de boas Entrevistado 11 – Argentina (entrevista, 29 de novembro de 2022)

Quando a gente chegou já tinha começado, já tinha começado essa história de coronavírus na China, né? Bem muito. Muitas pessoas tá morrendo, mas a gente achava que ia ser uma brincadeira, né? Aí chegou o momento que começou aqui também. Eu tinha que fechar todas as coisas. Mas como a gente era de fora. Foi um pouco difícil, porque naquela época a gente não sabia muito bom português não sabia resolver as coisas sozinho ainda, né, então. [...] a gente não foi tão adaptado com o ambiente daqui, das pessoas daqui, né? Por isso que foi um pouco difícil. Entrevistado 18 – Paquistão (entrevista, 26 janeiro de 2023)

Muitos desses estudantes chegaram ao Brasil durante o início da pandemia, quando ainda não compreendiam totalmente sua gravidade, comparando-a a crises anteriores como a gripe aviária. Eles tinham a expectativa de que o *lockdown* seria breve, semelhante a experiências anteriores, e que a vida logo voltaria ao normal, revelando uma certa falta de percepção da dimensão do problema. Além disso, enfrentaram desafios adicionais devido à sua falta de familiaridade com o ambiente brasileiro, incluindo a língua e a cultura.

A adaptação a um novo país e a interação com pessoas locais representaram desafios adicionais que complicaram a situação inicialmente. Esses aspectos ressaltam como a falta de compreensão inicial sobre a gravidade da pandemia, aliada às barreiras culturais, contribuiu para as dificuldades enfrentadas pelos estudantes internacionais nesse período. São perspectivas diversas que ilustram a complexidade das reações individuais e coletivas dos estudantes internacionais diante dos desafios de saúde pública em um contexto multicultural e global.

A preocupação com quem ficou

A pandemia de COVID-19 desencadeou uma gama de emoções intensas e preocupações entre os estudantes internacionais estudados aqui. Alguns

admitiram que não sentiram um medo significativo de adoecer, mas sim uma ansiedade avassaladora em relação ao bem-estar de seus entes queridos. Outros compartilharam um sentimento de responsabilidade em proteger suas famílias, adotando medidas rigorosas para evitar serem uma fonte adicional de preocupação caso contraíssem a doença. Além disso, a impossibilidade de visitar seus familiares devido ao receio de transmitir o vírus durante a viagem também foi uma realidade enfrentada por alguns estudantes. Essas experiências ilustram o profundo impacto emocional e a complexidade das decisões enfrentadas pelos estudantes internacionais durante a pandemia, enfatizando a importância de considerar não apenas a saúde pessoal, mas também a proteção de seus entes queridos em um contexto de risco.

Eu tinha medo da COVID. Eu não sabia, ou seja, eu não tenho de enfermar, de adoecer. Isso acho que é interessante porque eu falava isso para umas amigas e eu falei que eu não tenho medo de adoecer. Eu não sei porque, eu ainda não sabia, mas eu não tinha, eu não sentia medo de pegar COVID. Não, eu tinha um pouco de medo, mas pela minha família tá aqui, doméstica, eu tinha medo que alguém deles adoecera e eu não conseguia, por exemplo eu voltar. (pausa, ela chora emocionada). Para mim isso era difícil.” Entrevistado 3 – México (entrevista, 25 de novembro de 2022)

A impossibilidade de retornar ao país de origem causa um considerável estresse emocional e inquietação entre os estudantes internacionais. Essa distância não é apenas um fato objetivo, mas também representa as restrições de viagem impostas e a proibição de visitas de amigos e familiares, resultando em um profundo sentimento de isolamento. Ademais, o sentimento de saudade de casa e a consciência da grande distância agravam ainda mais essa situação, conforme destacado por Calvo et al. (2022) e Mekonen e Aarkwah (2023).

A gente começou a escutar que tal pessoa morreu. Dois, três dias, foi muito muita complicação... e então, assim, na minha comunidade, muitas, muitas pessoas morreram, então sempre eu tinha muito medo disso. E então eu não achava, eu me... talvez no meu pensamento era eu acho que sou uma pessoa sana que, talvez, eu não sei não tinha muito contato com outras pessoas. Então minha percepção do risco era baixa no momento, sabe? Mas é sim, sobretudo de minha avó, eu tinha muito medo de que ela adoecera. Entrevistado 3 – México (entrevista, 25 de novembro de 2022)

Dessa forma, as experiências dos estudantes internacionais foram profundamente afetadas pela preocupação em relação à ameaça do vírus para seus familiares distantes, especialmente aqueles mais idosos ou com problemas de saúde. Isso intensificou o desejo de estarem fisicamente próximos de suas famílias, transformando os membros da família em figuras cruciais em suas vidas, onde a proximidade física, impossível devido às circunstâncias, tornou-se uma necessidade primordial. Assim, a busca por proximidade física muitas vezes esteve associada à angustiante incerteza de que poderiam não ter outra oportunidade de se reunir novamente, ou seja, a possibilidade de um ente querido falecer sem a chance de um último encontro (Simola et al., 2023).

Os relatos evidenciam o medo e a preocupação intensa em relação à saúde de seus familiares em seus países de origem. Muitos expressaram um sentimento de culpa por não estarem presentes para cuidar de seus avós e mães, reconhecendo a responsabilidade de serem a pessoa mais jovem da família e evitar ser uma preocupação adicional para eles. Sentiam-se obrigados não apenas a cuidar de si

mesmos, mas também a zelar pela saúde de seus familiares no país de origem. Curiosamente, e de maneira contraditória, esse senso de cuidado muitas vezes foi um dos principais motivos para não retornarem ao país de origem. A preocupação com a possibilidade de contrair o vírus durante a viagem de volta e transmiti-lo para familiares não vacinados na época era o principal temor. O medo era especialmente forte porque muitos parentes já estavam tomando precauções por serem considerados pacientes de risco. Esses depoimentos ilustram como a preocupação com a saúde e o bem-estar de seus entes queridos teve um papel crucial nas decisões dos estudantes internacionais durante a pandemia, revelando o momento conflituoso e desafiador que enfrentaram ao tomar decisões importantes nesse período.

CONCLUSÃO

As entrevistas revelaram uma série de desafios enfrentados pelos estudantes internacionais em relação ao seu ambiente de moradia e os impactos da pandemia em suas vidas. A questão da habitação desempenha um papel crucial na experiência desses estudantes, tanto antes quanto durante a pandemia. Nesse sentido, a dificuldade em encontrar acomodação adequada, os contratos de locação instáveis e a necessidade de compartilhar moradias com outros estudantes nas mesmas condições foram pontos de destaque.

O impacto da moradia não se limitou apenas à qualidade de vida, mas também afetou suas preocupações com o contágio da COVID-19. Durante o período de , os estudantes internacionais experimentaram diferentes realidades, dependendo se moravam sozinhos ou com outras pessoas. A solidão foi uma preocupação significativa para aqueles que viviam sozinhos, exacerbada pela distância de seus países de origem e pela falta de comunicação com amigos e familiares. Para aqueles que compartilhavam moradia, o confinamento reconfigurou suas dinâmicas de convivência, exigindo maior cuidado coletivo e interferindo em suas relações interpessoais e na carga emocional.

Esses estudantes, em muitos casos, refletem a condição de transmigrantes, pois mantêm vínculos sociais, culturais e emocionais com seus países de origem ao mesmo tempo em que se adaptam a um novo contexto no Brasil. A incerteza quanto à possibilidade de retorno aos seus países de origem gerou um grande estresse emocional para muitos estudantes. As restrições de viagem, obstáculos burocráticos e preocupações com a saúde de seus familiares tornaram a decisão de permanecer no Brasil uma escolha complexa e desafiadora. Foram dilemas emocionais intensos, equilibrando a necessidade de cuidar de seus entes queridos e a continuação de seus estudos no Brasil.

Nesse contexto, a experiência dos transmigrantes, que vivem em constante negociação entre diferentes contextos nacionais e culturais, ficou evidente nas entrevistas, especialmente quando os estudantes mencionaram o quanto mantêm suas identidades, tradições e redes de apoio vinculadas aos seus países de origem. É importante destacar que a falta de compreensão inicial da gravidade da pandemia e as barreiras culturais contribuíram para as dificuldades enfrentadas

pelos estudantes internacionais. A adaptação a um novo país e a interação com a população local foram desafios adicionais, destacando a complexidade das reações individuais e coletivas desses estudantes diante de uma crise. Esses aspectos não só refletem as dificuldades vivenciadas, mas também a resiliência e a capacidade de adaptação dos estudantes internacionais, característica essencial dos transmigrantes, que navegam entre diferentes espaços, mantendo suas conexões transnacionais e ao mesmo tempo criando novas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios impostos pela pandemia de COVID-19, os estudantes internacionais demonstraram uma notável resiliência ao enfrentar dificuldades que abrangem desde a moradia até questões de saúde e adaptação cultural. Suas experiências enfatizam a urgência de políticas e medidas de apoio direcionadas especificamente para esse grupo, levando em consideração suas vivências singulares durante esse período desafiador. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de colaboração entre instituições educacionais, governos e comunidades locais para estabelecer um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos estudantes internacionais.

Por meio dos relatos e vivências apresentadas ficou evidente a necessidade de ~~implementar políticas inclusivas e estratégias de permanência estudantil e suporte~~ que atendam às necessidades específicas e aos desafios enfrentados por todos os estudantes internacionais ou não, visando criar um ambiente educacional mais equitativo e acolhedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Ana Maria y Teixeira, Marco Antônio (2009). *Adaptação à universidade de estudantes internacionais: Um estudo com alunos de um programa de convênio*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 33-44. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v10n1/v10n1a06.pdf>

Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições, 70, 225.

Brasil. Portal da Imigração. Ministério da Justiça e Segurança Públicos. Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA). 2023. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>.

Brígido, Eveline Vieira y Uebel, Roberto Rodolfo. (2020). Efeitos da pandemia da COVID-19 nas migrações internacionais para o Mercosul e a União Europeia: aspectos normativos e cenários políticos. *Boletim de Economia e Política Internacional, BEPI*, n. 27. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10334>.

Brooks, Samantha Broocks. et al. (2020). *The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence*. *The Lancet*, v. 395, n. 10227, p. 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8).

PERIPLOS | GT CLACSO Migraciones y Espacio Urbano - Habitar, circular y convivir en la 39 ciudad: fronteras, tensiones y resistencias| Vol. 08 - Nº 2 (2024)

Calvo, Daniel Malet. et al. (2022). 'There was no freedom to leave': Global South international students in Portugal during the COVID-19 Pandemic. *Policy Futures in Education*, v. 20, n. 4, p. 382-401. <https://doi.org/10.1177/14782103211025428>.
Dutra, Rogéria Campos de Almeida., et al. (2019). MIGRAÇÕES ESTUDANTIS: DESAFIOS E LIMITES DE INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE DE DESTINO. *Vivência: Revista De Antropologia*, 1(51). <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2018v1n51ID17176>
Folha de São Paulo. (2019). Ranking de universidades - RUF 2019. <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-universidades/principal/>.

Forim, Andreia y Rigolin, Camila. (2022). Um estudo da mobilidade acadêmica internacional em cursos de graduação da Universidade Federal de São Carlos no âmbito dos programas AUGM, Bracol, Bramex e acordos bilaterais de cooperação. *Revista da avaliação da educação superior (Campinas)*, 27 (2), 281-304. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000200005>

Frändberg, Lotta. (2015). Acceleration or avoidance? The role of temporary moves abroad in the transition to adulthood. *Population, Space and Place*, v. 21, n. 6, p. 553-567. <https://doi.org/10.1002/psp.1851>.

Gusmão, Neusa Maria. (2011). "Na Terra do Outro": presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. *Dimensões*, v. 26, p. 191-204. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3724752>.

Hari, Amrita. et al. (2023). A transnational lens into international student experiences of the COVID 19 pandemic. *Global Networks*, v. 23, n. 1, p. 14-30. <https://doi.org/10.1111/glob.12332>.

Hendrickson, Blake. et al. (2011). *An analysis of friendship networks, social connectedness, homesickness, and satisfaction levels of international students. International Journal of Intercultural Relations*, v. 35, n. 3, p. 281-295. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2010.08.001>.

Lorio, Juliana y Silva, Adélia. (2022). Mobilidade em tempos de imobilidade: estudantes internacionais em Portugal durante a pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270096>.

Lorio, Juliana. et al. (2024). Os impactos da Covid-19 nos estudantes internacionais no Brasil e Portugal. *Educação & Realidade*, 49, e134907. <https://doi.org/10.1590/2175-62361140675>

Lorio, Juliana. et al. (2020). O impacto da COVID-19 nos e nas estudantes internacionais no ensino superior em Portugal: uma análise preliminar. *Finisterra*, v. 55, n. 115, p. 153-161. <https://doi.org/10.18055/Finis20285>.

Langa, Ercilio. (2016). *Diáspora Africana em Fortaleza no século XXI: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21801>

Martins, Jameson. (2020). Mobilidade humana e coronavírus: Migração e pandemia

PERIPLOS | GT CLACSO Migraciones y Espacio Urbano - Habitar, circular y convivir en la 39 ciudad: fronteras, tensiones y resistencias| Vol. 08 - Nº 2 (2024)

– Omissões e oportunidades no combate à COVID-19. *Migrações em Debate*. Blog do Museu da Imigração. <https://museudaimigracao.org.br/es/blog/migracoes-em-debate/mobilidade-humana-e-coronavirus-migracao-e-pandemia-omissoes-e-oportunidades-no-combate-a-covid-19>.

Martuscelli, Patricia Nabuco. (2020). How are refugees affected by Brazilian responses to COVID-19? *Revista de Administração Pública*, 54(5), 1446-1457. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200516x>

Mauricio, Nathanni, et al. . (2020). Panorama da assistência estudantil nas universidades federais da Região Norte do Brasil. *Revista Cereus*, 12(4), 191-205. <https://doi.org/10.18605/2175-7275/cereus.v12n4p191-205>

Mekonen, Yohana y Adarkwah, Michael. (2023). Exploring homesickness among international students in China during border closure. *International Journal of Intercultural Relations*, 94, 1-15. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2023.101800>

Mello, Fernanda (2024). *A vulnerabilidade dos invisíveis: um estudo sobre a saúde dos estudantes internacionais durante a pandemia de COVID-19 na Universidade Federal do Ceará* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo). <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-26022024-132745/>

Mitchell, Kristine (2012). Student mobility and European Identity: Erasmus Study as a civic experience? *Journal of Contemporary European Research*, 8(4). <https://doi.org/10.30950/jcer.v8i4.473>

Mota, Daniela, et al. (2021). Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(6), 2159–2170. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021266.44142020>

Mourão, Daniele y Abrantes, Carla. (2020). Estudantes africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: representações, identidades e poder. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 25(1), 64–81. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n1p64>

Müller, Maria Lucia y Silva, Áurea. (2016). A experiência de estudantes africanos no Brasil. *Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade*, 25(45), 55-70. <https://doi.org/10.2015/jan.abr.v25n45.005>

Nhaga, Banjaqui (2013). *Globalização e migração estudantil: fluxos culturais e fluxos de capitais na trajetória de estudantes africanos para o Brasil* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande). <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4422>

Pachi, Priscilla. (2021). Imigração e pandemia de COVID-19: as dificuldades vividas por imigrantes e refugiados nas metrópoles brasileiras. *GEOGRAFIA E COVID-19*, 330. <https://doi.org/10.11606/9786587621807>

Pérez, Olivia Cristina y Vommaro, Pablo (2023). Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 23, e43706. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.43706>

PERIPLOS | GT CLACSO Migraciones y Espacio Urbano - Habitar, circular y convivir en la 39 ciudad: fronteras, tensiones y resistencias| Vol. 08 - Nº 2 (2024)

Pons, Esther, et al. (2007). La participación de los estudiantes universitarios en programas de movilidad: factores y motivos que la determinan. *Revista iberoamericana de educación*, 42(5), 1-14. <https://doi.org/10.35362/rie4252397>

Ramírez, Alberto y Ramírez, Argelia. (2021). Movilidad académica durante la pandemia: varados en Veracruz, México. *Revista Latinoamericana De Estudios Educativos*, 51(1), 231–154. <https://doi.org/10.48102/rlee.2021.51.1.268>

Schiller, Nina, et al. (2019). De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. *Cadernos CERU*, 30(1), 349-394. <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i1p349-394>

Schiller, Nina, et al. (1992). Towards a definition of transnationalism. Introductory remarks and research questions. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645, ix–xiv. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33482.x>

Simola, Anna, et al. (2023). On not 'being there': Making sense of the potent urge for physical proximity in transnational families at the outbreak of the COVID 19 pandemic. *Global networks*, 23(1), 45–58. <https://doi.org/10.1111/glob.12382>

Sperandio, Ana Maria. (2020). Mobilidade Humana e Promoção da Saúde no Contexto da Pandemia. In: Beaninger R. et al. *Migrações Internacionais e a Pandemia da COVID-19*, p. 189. <https://repositorio.usp.br/directbitstream/612c9fe4-65db-4355-819f-c7f661646b45/miginternacional.pdf#page=189>

Teixeira, Linnik Israel, et al. (2021). Internacionalizar para quê? As razões de instituições públicas de ensino superior no Ceará. Avaliação: *Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 26(3), 800–821. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000300009>

Teixeira, Marco y Andrade, A. (2009). Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 33-44. <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203014934006.pdf>

Troyer, Emily, et al. (2020). Are we facing a crashing wave of neuropsychiatric sequelae of COVID-19? Neuropsychiatric symptoms and potential immunologic mechanisms. *Brain, behavior, and immunity*, 87, 34-39. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.027>

Tse, Justin y Waters, Johana (2013). Transnational youth transitions: Becoming adults between Vancouver and Hong Kong. *Global Networks*, 13(4), 535-550. <https://doi.org/10.1111/glob.12014>

UFC - Universidade Federal do Ceará. (2017). Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará. https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano-internacionalizacao-ufc/plano-internacionalizacao-ufc.pdf.

Vargas, John Edinson, et al. (2023). The vulnerabilities of Venezuelan immigrants in Brazil and Colombia from the perspective of Intervention Bioethics. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 57(spe), e20230081. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0081en>